

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
Recife, 19 a 21 de Agosto de 2008
Cultura, Psicanálise e Religião**

ANAIS ELETRÔNICOS

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Cláudio Vianney Malzoni

Prof. Dr. Degislando Nóbrega de Lima

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

Pe. José Acrízio Vale Sales, S.J.

Presidente

Prof. Dr. Pe. Pedro Rubens Ferreira Oliveira, S.J.

Reitor

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos

Pró-reitor Acadêmico

Prof. Luciano José Pinheiro Barros

Pró-reitor Administrativo

Profa. Fátima Breckenfeld

Pró-reitor Comunitário

Ficha Catalográfica

J82R I Seminário Internacional de Ciências da Religião

Anais Eletrônicos. Recife, 19 a 21 de Agosto de 2008 / Org. Universidade Católica de Pernambuco.

-- Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2008.

389p.

ISBN 857084148-5

1. Ciências da Religião 2. Pesquisa Científica 3. Seminário Internacional-UNICAP, 2008.

I. UNICAP II. Título.

CDU 5/6

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem à autorização expressa desta editora.

Universidade Católica de Pernambuco

Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista

Recife – PE – CEP 50050-900

PABX: (81) 2119 4000 – FAX: (81) 2119 4222

Diagramação: Lílian Costa

Capa: Lílian Costa

**O SILÊNCIO DO PAGANISMO:
Contos de Fadas Como Expressão da Cultura Popular**

Andréa Caselli Gomes

Resumo

O presente trabalho tem como finalidade verificar a trajetória histórica e cultural dos contos maravilhosos, a partir da valorização do simbolismo sagrado pertencente às crenças e costumes populares do Ocidente Medieval. Será abordada a história desse gênero cultural desde sua origem, no domínio oral das comunidades camponesas, até seu reconhecimento pelos linguistas e historiadores, como genuína expressão do imaginário coletivo. A observação das narrativas oriundas do povo corresponde à sua importância no que se refere à valorização do conto como importante documento da produção simbólica popular. Dentre as várias vertentes culturais que contribuíram para a formação das estruturas dos contos populares europeus, as antigas tradições religiosas pagãs/pré-cristãs são de grande relevância e de uma riqueza única para análise, sendo que é importante avaliar esse vestígio cultural de organização peculiar, levando em conta o fenômeno da cristianização da cultura popular. A herança histórica da literatura mágica no medievo do Ocidente sobrevive mesmo na era globalizada, em todas as partes do mundo, atingindo e influenciando culturas diversas, mesmo as mais importantes culturas orientais.

Palavras-chave: paganismo, contos de fadas, cultura popular

Abstract

The following essay has the objective of verifying the historical and cultural trajectory of the popular fairy tales, through the evaluation of the sacred symbolism popular in the beliefs of the Medieval west. Its history will be discussed from its origins to its recognition by scholars as a genuine form of popular expression. The recognition of the popular lore corresponds to the importance of the common folklore itself as an important document of the

popular symbolic production. Among the many branches which contributed to the structural formation of the popular European lore, the ancient pagan/pre-christian tradition has an enormous importance, and offers an unique form of richness to this analysis. It is important also take into account the assimilation of such folklore into Christianity, and how it influenced the way these stories were viewed. The historical heritage of the magic literature from the medieval Europe still survives in the era of globalization, in many places around the world, exerting influence in a myriad of cultures across the globe, until the must old eastern cultures.

Kay Words: paganism, fairy tales, popular culture

O conto de tradição popular é parte integrante do folclore, que, por sua vez, representa a tradição geral de um determinado povo ou etnia. Esse tipo de conto pertence à tradição oral e significa vestígios do passado histórico dos povos. De todos os integrantes folclóricos, o conto popular é o mais amplo e expressivo porque é impessoal e atemporal, ou seja, omisso nos nomes próprios, nas localizações geográficas e nas datas fixadoras do tempo.

Caracteriza-se como narrativa metafórica, se utilizando de figuras arquetípicas para expressar um imaginário específico. A autoria dos contos étnicos de tradição é indefinida; porque eles surgem no seio de uma comunidade como representação do imaginário de seus habitantes, seus autores são pessoas simples: mães, avós, educadores, lavradores. São narrativas familiares que promovem a aproximação fraternal nos momentos de ócio e posteriormente, em decorrência de seu uso, ganham as vias públicas.

As narrações do povo, no plano de uma função no interior de cada sociedade, são insubstituíveis; sua mensagem, às vezes subliminar, compensa conflitos da vida cotidiana, acolhendo os desejos mais secretos das gentes; podendo ainda ser interpretados como representação de ritos de passagem, retratando simbolicamente diferentes etapas da evolução social de um indivíduo, uma vez que abordam situações como carências, intrigas, desafios e superações. “O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica e social. É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos” (CASCUDO, 2003, p. 12).

Integradas no costume do povo, as práticas religiosas das crenças pré-cristãs são refletidas nas manifestações artísticas das comunidades. Os contos maravilhosos foram originados nos períodos em que a religião era a parte mais importante da vida individual e coletiva; assim, eles lidam diretamente, ou por dedução, com temas religiosos. As histórias das Mil e Uma Noites, por exemplo, estão cheias de referências à religião islâmica (Cf. BETTELHEIM, 1980, p.22). Muitos contos de fadas ocidentais têm conteúdo religioso; herança das diversificadas formas de paganismo vivenciadas no Ocidente antigo e medieval. Diante do exposto, é necessário buscar a morfologia do termo pagão, que vem da palavra pagus, do latim, significando província, para diferenciá-las das cidades. Num sentido de menosprezo, ficou sendo “primo da província” para os padrões romanos:

Na Roma Antiga, o termo paganus era utilizado para distinguir as pessoas das cidades e da capital (...) O sentido de pagão que temos hoje pode ter surgido com a igreja medieval. O cristianismo foi introduzido na Europa no alvorecer da idade média, e era em princípio, uma religião urbana; e as mais

sofisticadas pessoas aderiram a esta nova fé, o que não fizeram os teimosos habitantes dos arredores, os paganus (HOLZER, 1972, p.6-7).

Assim sendo, as associações significativas dos temas religiosos nos contos europeus, devem ser percebidas como resquícios de religiosidades primárias dos povos celtas (tradições irlandesas e gaulesas), dinamarqueses, burgúndios, ostrogodos, godos, alanos, romanos suevos, gépidas, lombardos, francos, anglos, saxões e outros que usufruíam de sistemas de crenças com panteões politeístas onde o masculino e o feminino, deuses e deusas, coexistiam em harmonia (mesmo existindo deidades mais cultuadas que outras em diversos panteões, sejam ambos os gêneros), representando a sacralização da natureza e suas manifestações.

A superposição do cristianismo ao paganismo na Europa ocidental envolve diversas implicações no campo imaginativo da coletividade. A conversão da Europa em meio à Alta Idade Média se desenvolve sob o conflito entre Cristo (filho consubstancial de um único deus e que nasceu de uma virgem) e os deuses pagãos. Os velhos costumes das populações que adoravam as divindades manifestadas no espaço natural, passaram a ser tolerados, mas suplantando-se os antigos deuses por um novo deus com muito mais poder, justificado pelo acontecimento da vitória de Constantino, que expede o Edito de Milão em 313 d.C.

A historiografia deixa clara a estratégia dos primeiros teólogos em combater o paganismo. “A nova fé reveste as antigas tradições: os antigos locais de culto eram purificados e consagrados e as celebrações ganhavam novos símbolos e terminologias, conferindo caráter cristão aos ritos tradicionais” (NOGUEIRA, 2004, p.103). Em conseqüência ao modo impositivo em que o cristianismo foi levado às comunidades camponesas, as crenças anteriores não foram abolidas pela vontade das populações e permaneceram em um plano de fundo folclórico.

O fosso cultural está, sobretudo, na oposição entre o caráter harmônico e fundamentalmente ambíguo da cultura folclórica pagã (crença nas forças simultaneamente boas e más) e o racionalismo da cultura eclesiástica, que separa o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, justificado pelo maniqueísmo. Então, se as comunidades ocidentais aceitaram o cristianismo através das conversões dos chefes políticos como Clóvis I, rei dos francos; por outro lado, a reação da cultura laica (recusada, porém readaptada pela cultura clerical), se orienta para uma reação folclórica que irromperá, a partir do séc. XI, paralelamente aos grandes movimentos heréticos (Cf. LE GOFF, 1993, p. 210-219).

Já em meio à formação da Idade Moderna, séc. XVII, as igrejas católica e protestante projetaram uma política de submissão de almas baseada na doutrina definida pela teologia, contra as consideradas heresias populares, as propostas eram implementadas principalmente

pela catequese, distribuição e leitura da bíblia e puritanismo; ou através de iniciativas mais violentas como os Tribunais da Inquisição e a caça à feitiçaria. Porém é preciso considerar que, para um indivíduo ser considerado herege, primeiramente há de ser cristão; e os pagãos nunca foram cristãos, ou melhor, sempre foram pagãos, principalmente por influências antepassadas.

Complementando as distintas maneiras de perseguições às práticas populares, “verifica-se também a centralização do Estado, e conseqüentemente, da língua” (ORTIZ, 1992, p.16); suprimindo assim os dialetos locais e mais o que proviesse deles, como os cantos, contos e poesias. Assim, se torna perceptível que o pensamento maravilhoso e suas narrativas, foram também, “uma forma de resistência à ideologia oficial do cristianismo” (LE GOFF, 1990, p. 24). Até que, entre os séc. XVIII e XIX, a trajetória histórica dos contos revela sua relevância no cotidiano das sociedades. Passaram a ser valorizados como agentes culturais em meio à Idade Moderna, quando o espaço urbano já havia se perpetuado de tal forma que seus habitantes já sentiam nostalgia das origens remotas do campo, da convivência com a natureza e do tempo livre no ócio da instituição familiar que a vida rural proporcionava.

Por volta de 1780, na Alemanha, folcloristas da classe média buscaram em aldeias e comunidades interioranas, as antigas manifestações de folclore verbal. “Foi no final do séc. XVIII, quando a cultura popular tradicional estava começando a desaparecer, que o povo se converteu em tema interessante para os intelectuais europeus” (BURKE, 1989, p.31). Herder e os irmãos Grimm, coletores de contos, foram uns desses pesquisadores que visitavam os humildes trabalhadores do campo, pedindo que lhes contassem estórias, canções e poesias antigas; passadas entre gerações oralmente. Muitos desses coletores e compiladores de baladas lançaram folhetins e livretos que contavam as estórias de forma poética e com vocabulário rebuscado, frequentemente deixando de preservar o linguajar coloquial e costumeiro dos dialetos locais.

As causas da ênfase nas manifestações populares em fins do séc. XVIII, podem estar no sentimento nacionalista e na reação contra a racionalidade iluminista, o romantismo. As atitudes dos primeiros coletores e representantes da cultura popular da idade moderna refletem a crença de que os usos e costumes em comum faziam parte de um todo, expressando a simbologia de uma nação. No início do séc. XIX, acontece a unificação alemã, por exemplo, quando diferentes reinos, ducados e cidades livres, que apenas tinham em comum o mesmo idioma (o germânico) e a mesma base cultural; se integram em um só Estado, formando uma nação.

Diante desses acontecimentos, a valorização da literatura popular é parte do sentimento nacionalista da época, mas também engloba a oposição romântica à racionalidade

do iluminismo que tomou toda a Europa. Houve em algumas localidades, ainda no final do séc. XVIII, o movimento romântico, uma revolta contra a arte polida e sistematizada, contra a perfeição da técnica e o abandono da tradição. “No romantismo, o popular retoma criatividade, sensibilidade e espontaneidade” (ORTIZ, 1992, p.18). A cultura do nacional e a valorização da coletividade incentivaram a nostalgia cultural.

Em cada nação europeia ocorreu um retrocesso à tradição. Na região ibérica, por exemplo, o gosto pela cultura popular foi um modo nacionalista de expressar oposição à França. Portanto, a maioria das coletâneas de contos era de inspiração e sentimento nacionalista.

É interessante notificar que, já no séc. XX, há fatos indicadores de que os contos ocidentais influenciaram a cultura oriental, provavelmente devido às colonizações, ocupações e relações comerciais nesses territórios; tendo como exemplos, a colonização britânica na Índia e as relações comerciais do Japão com Portugal, Holanda e Inglaterra. Quando experiências culturais se chocam, terminam por interagir entre si; trocando crenças, costumes e estéticas.

No caso dos contos, há ainda maior facilidade de interação, no ponto em que, como são narrações atemporais, impessoais, metafóricas e de espaço imaginário; se tornam propícios para o exercício da imaginação dos povos orientais, além de associação e comparação com suas próprias narrativas tradicionais, também de origens pagãs com panteões arquetipicamente idênticos. Certamente, o mesmo acontece em movimento contrário, os contos orientais também atingem a cultura ocidental, faz parte do intercâmbio cultural entre socializações.

Vivencia-se desde o séc. XIX, herança dos contos europeus no Japão através das narrativas nos cartoons (mangás, em fonema japonês) ou nos jogos da literatura, na televisão e na música. Dentre os diversos simbolismos utilizados em narrativas de contos tradicionalmente populares, encontram-se, em sua maioria, símbolos e arquétipos pagãos, naturalmente por conta de suas origens históricas. Os contos são repletos de imagens arquetípicas do inconsciente coletivo.

De acordo com a psicologia analítica, os conteúdos do inconsciente coletivo são chamados arquétipos. Eles são as tendências estruturais invisíveis dos símbolos. Representam conteúdos inconscientes que se modificam através da conscientização e da percepção. Carl Gustav Jung deduz que as imagens primordiais, um outro nome para arquétipos, se originam de uma constante repetição de uma mesma experiência, durante muitas gerações (Cf. JUNG, 2000, p.3-20). Correspondem a tipos de símbolos ou tipos humanos; os arquétipos da Morte, do Herói, do Self (si-mesmo), da Grande Mãe e do Velho Sábio são exemplos de algumas das

numerosas imagens primordiais existentes no inconsciente coletivo presente nos contos populares europeus.

Seguindo a sutileza da abordagem junguiana, e, abandonando as concepções dualistas, de modo a compreender e desmistificar a mentalidade pagã que evoca harmonia entre os gêneros e a natureza; se torna possível identificar os elementos simbólicos que permeiam as narrções populares provenientes da formação ocidental. Na própria experiência religiosa, existe então, a base de uma existência arquetípica, onde as diversificadas manifestações do sagrado se refletem como sacralizações de vivências das crenças experimentadas no passado.

Vulgarmente, por consequência da tradição oral, os contos populares europeus foram chamados contos de fadas (*feiry tales*, segundo os anglo-saxões), e talvez não por acaso: Mestras da magia, as fadas simbolizam as capacidades mágicas da imaginação, as facilidades que o homem possui para construir, na imaginação, os projetos que não pode realizar. São personagens irlandeses de natureza celta e também deidades da mitologia greco-romana chamadas Parcas ou Moirai que representavam o destino. Em geral reunidas em grupos de três, elas representam as fiandeiras do ciclo da vida. A vara de condão, a roca e o anel são as insígnias de seus poderes transformadores. Vivem nas florestas, montanhas e grutas; símbolos naturais de caráter feminino e ctônico. Nunca se deixam ver, a não ser de modo intermitente, como os eclipses. Poderia se dizer o mesmo sobre as manifestações do inconsciente (CHEVALIER, 1996, p. 415-416).

Curiosamente, a linguista e arqueóloga Margaret Murray menciona que, em testemunhos dados aos Tribunais da Inquisição e segundo relatos de pessoas idosas das ilhas britânicas, a “raça das fadas” teria sido uma comunidade que teria existido muito remotamente; e usa como apoio para suas afirmativas, as declarações de Joana D’arc sobre o povo e a árvore das fadas, nos processos inquisitórios. (Cf.MURRAY, 2003, p.205-206). Percebe-se então que a fada foi escolhida pelos participantes da cultura oral para designar os contos, justamente por sua função simbólica de dar significado aos ciclos e transformações da vida, tal qual a função das narrativas populares. Ademais, surgem como personagens fundamentais, como nas várias versões de A bela Adormecida (principalmente nas versões elaboradas pelos Grimm e pelo escritor cortês setecentista, Charles Perrault) , em que fazem aparições de competições mágicas, determinando os ritos de passagem na vida de uma princesa. Frequentemente, em variações desse mesmo conto, são referidas como “mulheres sábias” ou “damas da floresta” (BRUCHARD, 1996, p.10-47).

Representantes arquetípicas da Grande-Mãe, não somente as fadas tem destaque na literatura maravilhosa, como também as sereias, que representam a sedução (ato simbolicamente fundamental para os ritos de equinociais pagãos). Habitantes da

água(segundo a literatura nórdica), elemento maior de profundidade e fertilidade, e seres aéreos segundo as narrações gregas de Homero; se faz presente nos contos tradicionais germânicos. É um ser fundamental para a história do imaginário francês, na forma de Melusine: personagem semilendária citada por vários escritores clérigos e leigos, de forma proposital, para justificar uma ascendência maravilhosa de antigas famílias de militares(Cf.LE GOFF, 1993, p.303-309).

Contam as narrativas que Melusine propõe casamento à um jovem nobre e em troca lhe dá propriedades de força e saúde, com a convivência diária, este trai sua privacidade e assim ela, ao criar asas e cauda, desaparece no horizonte, abandonando esposo e filhos.

Para exemplificar outros seres antropomórficos de origem imaginativa pré-cristã que habitam os contos, podem ser citados os trolls, gigantes do folclore escandinavo; gnomos e duendes, gênios de pequeno tamanho que, segundo crenças escandinavas e celtas, habitavam o interior da Terra, protegendo as rochas e os metais.

Verifica-se assim, que em sua própria denominação, os contos populares (ou de fadas) do Velho Mundo, têm sua caracterização essencialmente pagã, porém com bastante influências cristãs; haja visto que esporadicamente são encontrados nas narrações, figuras maravilhosas cristãs e hebraicas como anjos, profetas, santos e demônios, além de introduções como *anno domini* e “no tempo em que Deus habitava a Terra”.

De grande importância para o estudo do desenvolvimento histórico dos contos, é o Pentamerone, livro de contos do coletor e escritor napolitano Giambattista Basile, que utiliza demasiadamente o culto às influências da natureza entre seus personagens que recebem nomes de Sol, Lua e Estrela e têm suas aventuras dominadas e regidas por ações de ventos, de chuvas e de trovões.

Todavia, os simbolismos de árvores e florestas são as mais recorrentes provas do exercício da de poder da natureza nos contos de tradição popular. A grande maioria das narrativas se passam em bosques, florestas fechadas, casas campestres. O paganus é o homem camponês, habitante das florestas, o herói primitivo, figura arquetípica ideal das estórias do povo antigo. A vegetação florestal é, para os antigos povos celtas e romanos, uma espécie de mãe protetora natural, que abriga e serve de refúgio para os cultos pagãos que sacralizam suas árvores e seus habitantes animais (que sempre aparecem nos contos como personagens auxiliares, a exemplo dos sapos, das rãs, dos cervos, entre outros), além de acolher os vencidos e marginalizados pelas guerras e centros urbanos.

Porém , a figura arquetípica mais fortemente sentida pelos que contam e recebem os contos, seria a anciã, bruxa, mulher que vive na solidão dos bosques, pratica rituais mágicos e tem poderes como os das fadas. As bruxas, nos contos, apenas representam as mulheres que ainda seguiam a crença primitiva na Deusa-Mãe e do Deus-Chifrudo dos antigos panteões

conhecidos pelas gentes através das tradições, e compartilhavam dos mistérios da natureza. Mais que isso; talvez representem também historicamente, o contingente de velhas matriarcas que se refugiaram na obscuridade dos bosques para continuar praticando os antigos costumes tradicionais, frente à chegada de monges e doutores catequizadores nas cidades e nas comunidades mais remotas.

Ao analisar distintos tipos de contos populares, percebe-se que a bruxa de caráter sombrio e que pratica maldades como enfeitiçar e comer crianças, é típica de narrações mais recentes como as de Grimm e Perrault, há muito influenciadas pelo imaginário patriarcal cristão, que grandiosamente divulgou o aspecto de sombra da feminilidade em função da perseguição às feitiçeirias e bruxas curandeiras na Idade Média. Igualmente já é sabido que visões de bruxas voando em vassouras e maltratando animais são frutos de confissões inquisitoriais arrancadas sob tortura, sem nenhum fato histórico equivalente (Cf. NOGUEIRA, 2004, p.41-55).

Em contemplações mais rigorosas, encontram-se contos de fadas que, por serem menos difundidos no devir do tempo, permanecem em seu estado mais primitivo. Um excelente exemplo de que a anciã também pode ser vista em seu lado luminoso, é a “personagem russa Baba-Yaga, grande bruxa dos contos russos” (FRANZ, 2002, p.205), que aparece no conto “A Bela Wassilissa”; que trata da aventura de uma jovem que sai de casa para ajudar a madastra e as meia-irmãs, vagando até encontrar a casa da bruxa na floresta. A distinção está na forma como, Baba-Yaga, ao contrário de comer a menina ou enganá-la, simplesmente a faz encontrar a saída para seu problema (o qual a levou a procurar ajuda fora de casa). No desenrolar do conto, fica claro que, a bruxa mostra as soluções de maneiras sombrias, fazendo a protagonista enfrentar seus medos e dúvidas, para assim conseguir ultrapassar as barreiras necessárias. Inclusive, no decorrer da narrativa, Baba-Yag, é muitas vezes chamada de “vovó”, reforçando seu caráter de grande-mãe.

Torna-se visível que, através dos tempos, com as chegadas de outras culturas e crenças nos territórios provincianos, o imaginário das comunidades foi moldando-se de acordo com o sincretismo de influências recebidas, transformando as personagens e demais estruturas dos contos tradicionais. As manifestações folclóricas são construídas através de vivências entre gerações, produzindo um ciclo de experiências históricas que são simbolizadas por expressões artísticas como música, dança, narrações e poéticas.

Conclui-se então que religião e distintos tipos de crenças são fundamentais para a formação do imaginário de qualquer comunidade, pois incentivam e satisfazem os anseios imaginativos das gentes. Diante das constatações expostas, torna-se possível encontrar a chave para a utilização das expressões de tradição popular como ponto de partida para o

conhecimento das origens e significados de práticas sociais e privadas que, dentro das experiências históricas que influenciam as sociedades ocidentais, principalmente as mais antigas.

Referências

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- BRUCHARD, Dorothée. **A princesa que dormia**: nas versões dos irmãos Grimm, de Charles Perrault e Giambattista Basile. Santa Cruz do Sul: Plurilíngüe, 1996.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Global, 2003, p. 12.
- FADA, *In*: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1996.
- FRANZ, Marie Louise von. **A sombra e o mal nos contos de fadas**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- HOLZER, Hans. **Os novos pagãos**. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: 70, 1983.
- _____. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1993.
- MURRAY, Margaret Alice. **O culto das bruxas na Europa Ocidental**. São Paulo: Madras, 2003.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2004.
- ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas: Cultura Popular**. São Paulo: Olho D'água, 1992.

Endereço para contato:

e-mail: sirenithada@gmail.com